



---

**‘PODCAST DE CRIANÇA’:  
PROTAGONISMO, SONORIDADES, TERRITÓRIOS E INFÂNCIAS**

---

**‘CHILDREN’S PODCAST’:  
PROTAGONISM, SOUNDS, TERRITORIES AND CHILDHOOD**

---

**‘PODCAST PARA NIÑOS’:  
PROTAGONISMO, SONIDOS, TERRITORIOS E INFANCIA**

---

Rebeca Brandão – PCRJ-SME / UERJ<sup>1</sup>  
Bruno Rossato – PCRJ-SME / UERJ-ProPEd<sup>2</sup>  
Cristiane Amancio – PCRJ-SME / Cecierj-Cederj<sup>3</sup>  
Gabriela Farias Ribeiro de Vasconcelos – PCRJ-SME<sup>4</sup>  
Erica Lobo – PCRJ-SME<sup>5</sup>

#### RESUMO

A partir do “Podcast de Criança” o presente artigo traz três eixos principais inerentes à tessitura desse podcast: a estética sonora de podcasts produzidos *com* e *para* crianças; a participação infantil a partir dos ‘usos’ que as crianças fazem das linguagens; as relações que as infâncias e os territórios possuem. A escuta “exigente” das crianças quanto à dimensão estética sonora do podcast e outros produtos audiovisuais desafia todos aqueles que atuam na produção desse gênero de artefato cultural. As questões estéticas aqui abarcam desde a qualidade técnica e artística do podcast, passando pelas dimensões do tema, do roteiro, até a representatividade. Já observou como muitas crianças se interessam quando escutam ou veem outra criança? Será que isso acontece porque se sentem representadas? Falando em “representatividade”, a temática da participação infantil aqui é pensada com e a partir da expressão oral e da linguagem infantil. Como o desenvolvimento dessas habilidades são fundamentais na vida cotidiana e na participação nas políticas públicas é um movimento que propomos nesse texto, com enfoque na participação infantil nas políticas públicas. A dimensão territorial atravessa esse texto dado que o podcast em questão foi produzido com crianças das Unidades Escolares da rede municipal de ensino, em diferentes territórios da cidade do Rio de Janeiro – nas 11 Coordenadorias Regionais de Educação. Os principais autores que subsidiam esse artigo são Benjamin, Tomás, Obici, Freire, Bakhtin entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação infantil. Narrativas infantis. Estéticas sonoras. Territórios e infâncias.

---

**Submetido em:** 14/06/2023 – **Aceito em:** 12/01/2024 – **Publicado em:** 12/01/2024

<sup>1</sup> Doutora e mestra em Educação (UERJ/ProPEd) e Pedagoga (UERJ), professora na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ-SME).

<sup>2</sup> Doutorando em Educação (ProPEd/UERJ) como bolsista FAPERJ. Pedagogo (UGF), professor na PCRJ-SME e tutor na Fundação Cecierj.

<sup>3</sup> Mestra em Educação (UERJ/ProPEd) e Pedagoga (UNESA), professora na PCRJ-SME e tutora no CECIERJ.

<sup>4</sup> Pedagoga (UERJ) e especialista em Arteterapia (Instituto Superior de Estudos Pedagógicos - ISEP), professora na PCRJ-SME.

<sup>5</sup> Especialista em metodologias do ensino de artes (UNINTER) e Licenciatura em Educação Artística (UNIBENNETT), professora na PCRJ-SME, artista plástica, integrante da diretoria pedagógica Associação das Escolas de Samba Mirins do Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

Based on the “Children's Podcast”, this article brings three main axes inherent to the fabric of this podcast: the sound aesthetics of podcasts produced with and for children; children's participation based on the 'uses' that children make of languages; the relationships that childhoods and territories have. Children's “demanding” listening to the sound aesthetic dimension of podcasts and other audiovisual products challenges all those who work in the production of this type of cultural artifact. The aesthetic issues here range from the technical and artistic quality of the podcast, through the dimensions of the theme, the script, to representativeness. Have you noticed how many children are interested when they hear or see another child? Does this happen because they feel represented? Speaking of “representativeness”, the theme of child participation here is thought of with and from children's oral expression and language. As the development of these skills are fundamental in everyday life and participation in public policies, it is a movement that we propose in this text, focusing on children's participation in public policies. The territorial dimension runs through this text given that the podcast in question was produced with children from school units of the municipal education network, in different territories of the city of Rio de Janeiro - in the 11 Regional Education Coordinations. The main authors who subsidize this article are Benjamin, Tomás, Obici, Freire, Bakhtin, among others.

**KEYWORDS:** Child participation. Children's narratives. Sound aesthetics. Territories and childhoods.

## RESUMEN

Basado en el “Podcast Infantil”, este artículo trae tres ejes principales inherentes a la trama de este podcast: la estética sonora de los podcasts producidos con y para niños; la participación infantil a partir de los 'usos' que los niños hacen de las lenguas; las relaciones que tienen las infancias y los territorios. La escucha infantil “exigente” de la dimensión estética sonora de los podcasts y otros productos audiovisuales interpela a todos aquellos que trabajan en la producción de este tipo de artefactos culturales. Las cuestiones estéticas aquí van desde la calidad técnica y artística del podcast, pasando por las dimensiones del tema, el guión, hasta la representatividad. ¿Ha notado cuántos niños se interesan cuando escuchan o ven a otro niño? ¿Esto sucede porque se sienten representados? Hablando de “representatividad”, aquí se piensa el tema de la participación infantil con y desde la expresión oral y el lenguaje infantil. Como el desarrollo de estas habilidades son fundamentales en la vida cotidiana y la participación en las políticas públicas, es un movimiento que proponemos en este texto, centrándonos en la participación de los niños en las políticas públicas. La dimensión territorial atraviesa este texto dado que el podcast en cuestión fue producido con niños de unidades escolares de la red municipal de educación, en diferentes territorios de la ciudad de Río de Janeiro - en las 11 Coordinaciones Regionales de Educación. Los principales autores que subvencionan este artículo son Benjamin, Tomás, Obici, Freire, Bakhtin, entre otros.

**PALABRAS CLAVE:** Participación infantil. Narrativas infantiles. Estética sonora. Territorios e infancias.

## INTRODUÇÃO

Inventar coisa é muito legal. Inventar também é uma brincadeira. Eu acho que todo mundo tem que brincar todo dia.

*Podcast de Criança, 2021.*

A Semana da Educação Infantil de 2021, intitulada “De criança para criança”, propôs aos profissionais da Educação Infantil da rede municipal de educação do Rio de Janeiro, a buscar questionar/desvendar, conforme o autor Jorge Larrosa define, o “enigma da infância”. Aqueles

que trabalham com as infâncias estudam, pesquisam, conversam e pensam sobre as crianças... Mas o que as crianças pensam? O que as crianças dizem? Na rede municipal de ensino e para além dela, estamos atentos aos processos de escuta às infâncias? O que nós, profissionais, fazemos a partir das narrativas das crianças?

Inspirados por uma iniciativa em parceria com instituição externa, a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (SME-RIO), algumas Unidades Escolares (UEs) de Educação Infantil (EI) que integram os Programas “Territórios Sociais”<sup>6</sup> e/ou “Acesso Mais Seguro”<sup>7</sup>, e encontram-se em áreas de vulnerabilidade social, criaram o “Podcast de Criança” trazendo como temáticas: o brincar, o bairro, a família e a escola.

Os podcasts, acompanhados de registros em forma de desenhos produzidos pelas crianças das 11 Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), estão disponibilizados por meio das mídias sociais da MultiRio<sup>8</sup> desde 23 de agosto de 2021. Na ocasião de seu lançamento, o “Podcast de Criança” foi disparador de propostas a serem realizadas pelas UEs de EI da rede de ensino carioca. Crianças, comunidade escolar, funcionários, profissionais da Educação Infantil, gestores etc., tiveram, então, um primeiro contato com o podcast, através do qual apreciaram narrativas infantis da rede carioca, com elementos disparadores para a criação de novas narrativas, inclusive com outras temáticas além das já propostas.

Buscamos, com essa proposta, reafirmar as práticas sonoras das crianças, ou seja, a experiência com os sons de um podcast voltado *para* crianças e feito *com* crianças. Entendemos por “práticas sonoras”, também, as experiências das crianças em escutar outras crianças: quais temas/opiniões elas teriam em comum? Quais elementos as diferenciam: linguagens, territórios, ideias, culturas, costumes? Assumimos, portanto, uma postura em que falar, escutar, perguntar, ser perguntada, formular respostas (e tantas outras possibilidades dialógicas) são práticas educativas das crianças e da Educação Infantil.

Neste artigo propomos três percursos principais: trazer questões estéticas e sonoras presentes no “Podcast de Criança”; a participação infantil através do prisma da linguagem: os atos de narrar, de dialogar, de escutar etc.; questões de território presentes num podcast produzido *por*

---

<sup>6</sup> “O programa Territórios Sociais é uma iniciativa da Prefeitura do Rio, em parceira com o ONU-Habitat, que possui o objetivo de identificar as famílias “invisíveis”, ou seja, aquelas que até o momento não foram inseridas nas ações socioassistenciais do município” (Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP). Saiba mais em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/territorios-sociais>.

<sup>7</sup> “A Secretaria Municipal de Educação renovou Acordo de Cooperação com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha nesta segunda-feira (23/08) para implantação do Programa Acesso Mais Seguro em escolas da Rede Municipal de Ensino localizadas em áreas impactadas pela violência armada. O programa tem como objetivos mitigar riscos, orientar professores e alunos; planejar ações em conjunto nas unidades escolares e nos territórios; prevenir a evasão escolar, entre outras ações”. Para saber mais acesse: <https://prefeitura.rio/educacao/educacao-renova-acordo-com-comite-internacional-da-cruz-vermelha-para-implantacao-do-acesso-mais-seguro-em-escolas/>.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/series/serie/17314-podcast-de-crian%C3%A7a>. Acesso em 17 mar. 2023.

crianças e *para* crianças de toda a Educação Infantil da rede de ensino da capital fluminense.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DO “PODCAST DE CRIANÇA”

A Secretaria Municipal de Educação, através da Coordenadoria da Primeira Infância, criou, em 2021, a Gerência de Intersetorialidade (GIN). Trata-se de uma ação inédita no Rio de Janeiro, que reafirma a importância de ações intersetoriais na Primeira Infância. Tal premissa é convergente com um conglomerado de legislações, desde a Constituição Federal de 1988, culminando – em âmbito federal – na Lei 13.257/2016 que institui o “Marco Legal da Primeira Infância”. No caso do município do Rio, vislumbra-se um Plano Estratégico (2021-2024) alinhado para escuta e participação infantil.

A Semana da Educação Infantil – SEI, para a rede de ensino da cidade do Rio de Janeiro, é um período dedicado a ações que promovem a valorização da etapa da Educação Infantil e do seu público-alvo – crianças na Primeira Infância – e as suas especificidades nos modos de ser-estar-significar o mundo. Ela foi instituída pela Lei Federal nº 12.602/2012 e acontece, anualmente, na semana que compreende a data de 25 de agosto, onde se comemora o Dia Nacional da Educação Infantil, em homenagem a Zilda Arns. Seu objetivo principal é promover a conscientização da sociedade a respeito do direito fundamental das crianças ao acesso e à vivência de uma Educação Infantil com qualidade. Foi durante a SEI, data que marca o calendário da Educação Infantil no Rio de Janeiro, que a GIN lançou o “Podcast de Criança”.

O engajamento nos territórios, ao longo da SEI, foram primordiais para que as escolas de Educação Infantil mobilizassem suas redes de parcerias em equipamentos de seus territórios, numa atuação intersetorial. Por exemplo, algumas escolas criaram um festival digital com os registros das crianças e divulgaram em suas redes sociais, bem como aos parceiros dos territórios da comunidade escolar.

As Unidades Escolares de Educação Infantil da rede contaram também com a mobilização de outros parceiros: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Clínica da Família, Conselho Tutelar, dentre outros equipamentos locais que fortaleceram a visibilidade ao que as crianças têm a dizer sobre temas primordiais aos territórios.

Com a mediação dos profissionais, as crianças fizeram a apreciação desses podcasts ao longo da SEI. Os profissionais da Educação Infantil ampliaram essa modalidade de apreciação de narrativas trazendo elementos disparadores para a criação de novas narrativas, envolvendo as temáticas do brincar, do bairro, da família e da escola.

Tais materiais circularam de modo on-line<sup>9</sup> em todas as Unidades Escolares de Educação Infantil da Rede Municipal, que expandiram os podcasts em seus territórios, fortalecendo as narrativas infantis para além dos muros da escola. Esse movimento se deu durante toda a SEI. Além desta particularidade, do mesmo ter acontecido de forma on-line, os podcasts contaram com uma exposição itinerante que foi iniciada no prédio do Centro Administrativo São Sebastião, na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Após a SEI, esses materiais ocuparam diferentes espaços educacionais em nível regional – as CREs – e outros espaços.

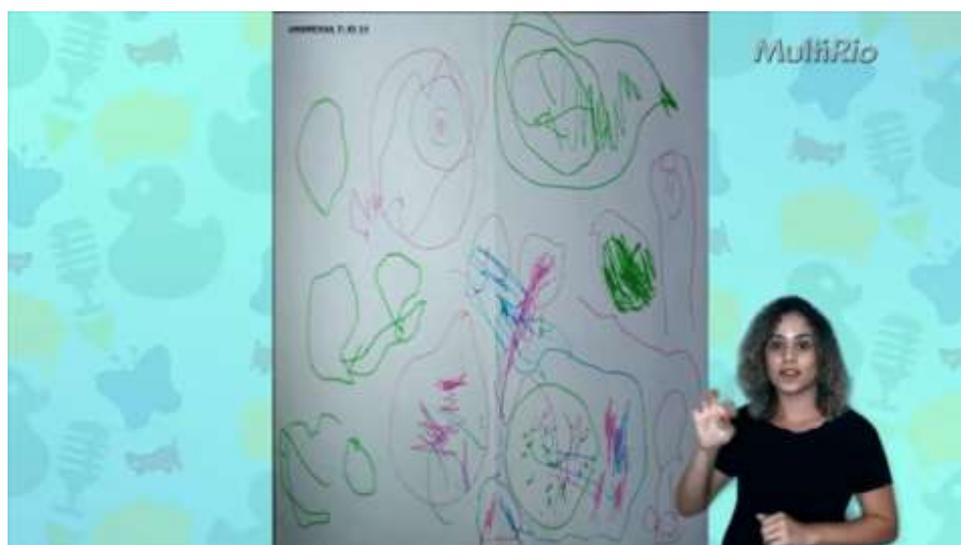
Essa mobilização teve a intenção de que as vozes das crianças fossem ouvidas no seu sentido mais pleno, tornando suas narrativas visíveis e acolhidas para o planejamento de políticas públicas. Trata-se, portanto, de um convite a comunidade escolar a produzir conhecimentos e a desenvolver ações intersetoriais com a perspectiva de ocasionar o impacto nas políticas públicas da cidade, entendendo que a Primeira Infância é uma etapa decisiva no desenvolvimento dos territórios e, conseqüentemente, da cidade.

No sentido de trazer às crianças da rede de ensino carioca sugestões de experiências pedagógicas, no período da pandemia de covid-19 e suas restrições de convivência, surgiu o Rioeduca na TV, programa de videoaulas gravadas e exibidas na grade de programação de TV da MultiRio com aulas das diversas áreas do conhecimento, inclusive para a Educação Infantil. As iniciativas de atividades complementares em razão do isolamento social não se restringiram a isso. Outras estratégias foram lançadas, como o percurso formativo em aplicativo para os estudantes da rede, entradas ao vivo na programação com tira dúvidas etc. Nesse artigo, por exemplo, traremos o caso de uma videoaula, gravada para a Educação Infantil, intitulada “Entrevistas”, cujo tema é sobre o "Podcast de criança".

A videoaula, com o intuito de sugerir experiências com entrevistas, com o podcast e de divulgá-lo na rede, instiga os espectadores a pensarem sobre o ato de perguntar e formular boas perguntas: “inteligente mesmo não é aquele que sabe responder a todas as perguntas, mas sim aquele que sabe fazer boas perguntas” (do minuto 1:47 ao minuto 2:02). As possibilidades para articular/apresentar os podcasts nas unidades de Educação Infantil com as crianças são muitas, como a escuta, as perguntas, narrativas com crianças etc.

---

<sup>9</sup> Durante o período da pandemia de Covid-19, as ações da SME-Rio, foram articuladas mais recorrentemente de modo on-line por conta da situação de emergência de saúde pública.



**Figura 1.** Videoaula “Entrevistas” do Rioeduca na TV, sobre o “Podcast de criança”.  
Fonte: MultiRio, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Skt-HSXxDS0>.

## **SOBRE A ESTÉTICA SONORA DO “PODCAST DE CRIANÇA” E PARA CRIANÇAS**

É preciso reafirmar a questão de que o som importa! Um podcast que privilegia a escuta da criança, a possibilidade de perceber e distinguir as particularidades de cada voz, precisa ter sua execução em ambiente propício. Um espaço preparado para captação desses áudios deve conter a menor gama possível de ruídos externos e internos. Por considerar que o podcast trata-se de um arquivo que dá voz às narrativas infantis e que, por isso, se constitui como um arquivo sonoro, salientamos seu caráter estético que, no caso do “Podcast de Criança”, conjuga a soma de efeitos expressivo e ornamental. Expressivo que comporta a individualidade sonora de cada voz infantil, revelada em timbre, altura, ritmo e textura particular. Ornamental, pois a música instrumental que atua como plano de fundo é comum a todos e transcorre em maior e menor volume de acordo com o andamento da narrativa.

Estamos tratando de um conteúdo que comunica as ideias e elaborações que cada criança fez a partir das perguntas, que são expressas por meio da sonoridade, sentimentos e percepções. A perícia ao realizar a produção desses arquivos sonoros nos remete ao compromisso com a qualidade que possa atender a necessidade e o direito que as crianças têm de comunicar suas ideias e impressões sobre o mundo. Cada gravação precisa contar de uma estrutura planejada que prevê o ajuste do som do aparelho utilizado na gravação, dando tempo na chamada inicial e, no fim, ao silêncio. O uso de linguagem própria, que possa instigar a criança a narrar exercitando a liberdade de expressar a seu modo, incluindo as trocas habituais de fonemas que acabam por reinventar palavras de forma única, dão forma ao podcast. Todos esses aspectos configuram uma estética sonora que se desenha a partir dessa fusão da voz do narrador e da



sonoridade que reside nos silêncios, no ritmo da voz das crianças e na musicalidade que se integra nesse dispositivo de escuta.

Esses aparatos tecnológicos permitem também tornar sonoras forças antes impensáveis, imperceptíveis, inauditas. Resta-nos inventar, com eles, outras potências. A escuta também precisa ser inventada com outro tipo de função e outras atribuições (OBICI, 2006, p.24).

No que precede a escuta, o som produz o meio, antes de qualquer tipo de função atribuída a ele, seja na direção da informação ou da musicalidade. O som se faz potente a partir das relações que estabelecemos com ele, quando nos afeta, nos mobiliza. A escuta dos podcasts é capaz de nos colocar em lugar de estesia e nos possibilita níveis de reconhecimento do espaço. O meio é constituído da sonoridade ambiente, do cotidiano, que difere do som musical harmônico, elaborado. Nos encontramos com esses sons, que nos geram estados de afetação, sendo eles componentes do meio que constituem um território sonoro.

Pensamos na realidade de uma Unidade Escolar, o que este território define para a escuta? Que circunstâncias e predefinições esse espaço oferece? Que situações nos propõe? O som do chiado da panela de pressão do refeitório, que se soma ao som da vassoura do gari e da voz da professora, que em voz alta chama atenção da turma na área externa, para a aparição de uma borboleta grande e diferente, exemplificam o que configura esse espaço. Todos esses sons marcam o território, caracterizam as qualidades sutis, apresentam um estilo e formam território sonoro, como parte do espaço escolar. A partir dessa compreensão percebemos o podcast como dispositivo que é difuso e cria modos de escuta. É possível a identificação de território sonoro nas narrativas, se amplo ou fechado, se uma outra voz de criança ao fundo participa voluntária ou involuntariamente, se há interferência do ruído de uma porta abrindo inesperadamente, com isso ultrapassamos a esfera da percepção da voz e interagimos por meio da escuta com o espaço.

## **“A HORA DAS CRIANÇAS”: A PARTICIPAÇÃO INFANTIL EM CENA**

Falar da vida a partir do miúdo é um posicionamento que Benjamim assume e nos chama a assumir. Ao compartilhar, ao longo de toda a sua obra, suas histórias de vida e de infância, ele reitera que, se a experiência afeta o sujeito de forma singular, compartilhá-la torna coletivos os seus sentidos.

*Caroline Trapp Queiroz, 2015.*

Traremos aqui algumas das narrativas das crianças que encontramos no podcast inspirados em “A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin”. Em resenha sobre os escritos de Benjamin para seu programa de rádio voltado para crianças, Queiroz aponta que esse movimento de narrar o cotidiano a partir do “miúdo”, das “gentes” é um movimento de “reconexão do homem à coletividade”, segundo Benjamin. É nesse sentido que trazemos as narrativas das crianças desse podcast: como parte de um todo social, como parte de um grupo que, se não o é, precisa ser considerado na vida política, parafraseando Benjamin, um grupo que precisa ser “conectado à coletividade”.

Vamos à “hora das crianças”? Os temas do podcast circularam em torno do brincar, família, bairro e escola. A dinâmica do podcast é perguntar às crianças “o que você pensa” sobre cada um desses assuntos? É interessante notar que o podcast também aponta a direção do que as crianças desejam para si e para aqueles ao seu redor. Vamos à algumas dessas narrativas:

### **Conviver**

O que você pensa sobre a sua escola?

*“Eu gosto da minha escola porque é um lugar onde eu posso brincar com meus amigos.”<sup>10</sup>*

O que você pensa sobre brincar?

*“Eu acho que brincar é ser divertido. Adulto também pode brincar com a criança.”  
“Se eu pudesse eu ia no parquinho com meu pai, com a minha mãe.”*

O que você pensa sobre a sua família?

*“É legal. Eu brinco com meu pai. Quando meu pai trabalha, minha mãe que cuida de mim. Quando minha mãe vai trabalhar é meu pai. Ele brinca comigo, eu faço atividade com ele. Eu viajo com ele. A gente também às vezes passeia, vai para a pracinha, vai para praia. É muito legal fazer isso com a minha família. A gente brinca de maquiar minhas bonecas. [...] A gente fica assistindo filme na nossa rede.”*

O que você pensa sobre o seu bairro?

*“Eu gosto de brincar com minhas amigas, meus amigos. Eu gosto de brincar lá no canto porque é mais seguro.”*

### **Brincar e expressar**

O que você pensa sobre a sua escola?

*“Minha escola é muito maravilhosa, eu como muito arroz, eu pinto muito, eu brinco de massinha. A escola é muito muito muito legal.”*

---

<sup>10</sup> As narrativas transcritas aqui não são fidedignas às formas como as crianças falam, pois as questões linguísticas e da norma culta não são pertinentes ao tema da participação infantil. O que priorizamos aqui foi preservar as ideias, os sentidos e as significações que elas trouxeram ao narrar.



O que você pensa sobre brincar?

*“Inventar coisa é muito legal. Inventar também é uma brincadeira. Eu acho que todo mundo tem que brincar todo dia”*

*“Quando eu brinco, eu me divirto muito e aprendo muitas coisas. Quando eu brinco eu até aprendo sobre ler.*

O que você pensa sobre seu bairro?

*“A Muzema é muito bonita. Eu queria que ela tivesse muito mais brinquedo, piscina e praia e avião pra nós andar”*

*“A Muzema é um lugar bem legal, é onde eu moro. Eu queria que aqui tivesse pular, parquinho e piscina”*

### **Explorar**

O que você pensa sobre a sua escola?

*“Aqui tem muita comida gostosa e saudável.”*

O que você pensa sobre seu bairro?

*“Eu moro em Realengo. Lá passa carro, passa ônibus, passa motoqueiro e perto da minha casa tem uma pracinha.”*

### **Expressar**

O que você pensa sobre brincar?

*“É brincar, é desenhar, é pintar tudo que você imaginar!”*

### **Participar**

O que você pensa sobre o seu bairro?

*“Bairro é um lugar onde a gente mora. E a gente tem muitos vizinhos. No meu bairro tem os meus pais e tem as casinhas e tem a minha escola.”*

*“Eu gosto muito do meu bairro. Tem muitas coisas legais: praça, parquinho, igreja.”*

(PODCAST DE CRIANÇA, 2021).

As crianças percebem o que acontece em seu território, pois narram seu cotidiano e como este poderia ser melhor – como é o caso de uma criança que demonstra preocupação com a segurança no lugar em que brinca, o que podemos compreender como uma das questões que afeta a sociedade como um todo – a violência.

E não pára por aí! As crianças também apontam o desejo por “infraestrutura urbana básica”, como é o caso da construção e conservação de praças. Elas mencionam o desejo pelo contato com elementos da natureza, como a água; mencionam coisas que são da dimensão do lazer e do desenvolvimento integral – quando citam o desejo por equipamentos como parques, praças e outros.

Já quando relatam o desejo por “um avião para andar”, por exemplo, será que fazem menção ao desejo pelos transportes públicos de qualidade ou pelo prazer da aventura de embarcar em

uma viagem de avião? Ambas as suposições nos encaminham para os direitos a que elas, também, como cidadãs possuem – ao lazer, a brincar e ao transporte público. Ao escutar esse podcast nossas percepções se voltaram para o valor que as crianças apresentam sobre temas que coadunam com os “direitos da aprendizagem e desenvolvimento” presentes na Base Nacional Comum Curricular - conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (2017, p. 38).

Para refletir acerca da dimensão educacional que a escuta desse podcast proporciona, trouxemos as narrativas das crianças fazendo conexões com esses direitos da aprendizagem e desenvolvimento a que as crianças têm direito. Vale ressaltar, no entanto, que tais narrativas atravessam mais de um direito da aprendizagem expresso na BNCC, ou seja, são narrativas transversais, pois abrangem o “conviver e o brincar”, o “brincar e o expressar” e assim por diante.

Na epígrafe desse artigo, por exemplo, a fala da criança aponta para a invenção durante o brincar... a criança em questão apresenta a “brincadeira” e a “invenção” juntas. Desloca nosso pensamento para um brincar criativo, inventivo, e, o colocando assim, cada vez mais imprescindível.

No lugar em que moram, as crianças apontam o que desejam para esse território, sem deixar de lado o vínculo afetivo que têm com esse lugar. A Muzema aparece nesse contexto: a criança percebe ali carências para seu lazer, mas também para serviços públicos básicos. Deseja logo um “avião” – por que será? Para que os transportes públicos sejam mais rápidos?

Em conversas com crianças, desdobrar as motivações de suas falas nos levam a questões radicais e profundas da vida cotidiana, que muitas políticas públicas são vinculadas. Nesse sentido Tomás nos inspira ao abordar a “participação infantil autônoma”, na qual defende que “as crianças têm o poder de empreender a ação. [...] identificação por parte das crianças dos temas a tratar; os adultos actuam como facilitadores e há controlo do processo por parte das crianças” (TOMÁS, 2007, p. 50). Será que os adultos estão dispostos a empreender *‘práticas políticas’*<sup>11</sup> COM crianças a partir de uma participação autônoma?

Uma das premissas para uma Educação Infantil de qualidade, envolve “pautar o planejamento curricular a partir da escuta sensível às crianças”, terminologia que se tornou um jargão

---

<sup>11</sup> “[...] não existe, nas pesquisas com os cotidianos, [...] a compreensão de que existam “práticas e políticas”, [...], uma vez que entendemos que as políticas são práticas, ou seja, são ações de determinados grupos políticos sobre determinadas questões com a finalidade explicitada de mudar algo existente em algum campo de expressão humana. Ou seja, vemos as políticas, necessariamente, como práticas coletivas dentro de um campo qualquer no qual há, sempre, lutas de posições diferentes e, mesmo, contrárias. Desta maneira, não vemos como “políticas” somente as ações dos grupos hegemônicos na sociedade, embora estes produzam ações que são mais visíveis. Os grupos não hegemônicos, em suas ações, produzem políticas que, muitas vezes, não são visíveis aos que analisam “as políticas” porque estes foram formados para enxergar, exclusivamente, o que é hegemônico com o que aprenderam com o modo de pensar hegemônico (ALVES, 2010).

pedagógico. Convidamos, então, os leitores a refletirem, parafraseando esse jargão: a premissa da qualidade de *‘espaçostempos’*<sup>12</sup> outros, como as famílias, as sociedades e até a humanidade, estaria na necessária “escuta sensível às crianças”? Somos inspirados a responder positivamente esse questionamento, fazendo coro a Tonucci, que diz que um mundo melhor para as crianças seria um mundo melhor para todos.

Se você chegou até aqui, já pode supor que a linguagem, o diálogo, a conversa com as crianças não são considerados como uma barreira – pelo contrário. No entanto, assumimos que é preciso um esforço. Tomás nos ajuda a pensar acerca desse fazer ao dizer que “é necessário adequar os espaços, no âmbito da organização e da linguagem, às crianças e repensá-los com a participação das mesmas” (2007, p. 54), afinal, uma linguagem tecnocrática não propicia nem mesmo adultos a participarem da vida política e em tantos *‘espaçostempos’*. A autora ainda coloca: “a participação para a emancipação exige um trabalho cuidadoso, exigente e criterioso do educador/adulto. Não acontece automaticamente, mas é um processo gradual que requer aprendizagens” (idem, p. 53).

Limita-se aqueles que pensam que determinados temas não podem ser abordados com as crianças. Observamos, porém, que a linguagem sobre determinados assuntos necessitam de adaptação. Em “a hora das crianças”, os registros de Benjamin apontam que os programas de rádio destinados às crianças traziam temas diversificados:

Benjamin aborda assuntos como brinquedos, livros, peças de teatro, grupos de ciganos e bandoleiros que circulavam pelas ruas, fatos que aconteciam na cidade, como catástrofes naturais, incêndios, contrabando de bebidas alcoólicas, narrativas históricas sobre bruxaria, magias, exposições universais, a tomada da Bastilha... (QUEIROZ, 2015, p. 3)

Benjamin nos mostra, portanto, que as crianças não estão isoladas dos tantos acontecimentos do mundo:

Através do que escreve, do que narra e daquilo que compartilha, Benjamin nos implica a repensar o conceito de infância, reiterando a ideia de que não se trata de uma categoria isolada, mas social, cultural, histórica e plural, ainda que marcada pelas singularidades que compõem a vida e as subjetividades. É justamente esse entendimento de que crianças e cultura se afetam mutuamente que nos permite perceber a infância como a experiência constitutiva desses sujeitos – aqui e agora. (Idem, p. 3)

A criança participa desse mundo como todos nós - escuta, olha, cheira, sente, percorre, ocupa, usa, consome, produz... todas essas experiências da infância, que nós e você tivemos, nos

---

<sup>12</sup> Escrevemos juntos e grafados alguns termos por considerá-los indissociáveis. No período de importante desenvolvimento científico da Modernidade muitos conceitos foram dicotomizados, o que para as pesquisas com os cotidianos significa um limite.

constituíram e ainda seguem nos constituindo, conforme nos conectamos com nossas memórias e como nos relacionamos com o mundo.

## INFÂNCIA E TERRITÓRIO: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?

Pensar e reconhecer que existem diferentes infâncias e que há, muitas vezes, desigualdades na interação e no diálogo com a cidade, é uma forma de resistência. Perguntamo-nos recorrentemente como os diferentes sujeitos habitam a cidade sem ter direito à cidade. No caso das crianças pequenas essa indagação fica ainda mais latente. O grande desafio que se coloca é a conscientização da importância do acompanhamento e monitoramento de como as infâncias cariocas circulam por esta cidade, em diferentes espaços, e o que esses espaços têm a oferecer às infâncias, assim como o que as crianças pensam sobre esses espaços.

Desta maneira, compreendemos que a escola pode potencializar esses saberes e mediar o fortalecimento das infâncias nos territórios, entendendo a criança como parte da população, e os diversos territórios como partes da cidade. E que ambos estão carregados de produção de saberes e culturas. Para tanto, reafirmar a participação infantil na tomada de decisões é urgente, necessário, inegociável. É direito! Inclusive um direito respaldado por muitas legislações vigentes<sup>13</sup>.

Ao circularem por seus bairros, as crianças apropriam-se desses espaços, vivenciam a experiência de um pertencimento social e comunitário. E ainda se pode pensar em como as crianças reconfiguram e reconstróem esse território e de que forma a apropriação de novos espaços oportuniza a experiência de apropriação e produção de conhecimentos (CARVALHO; SILVA, p. 31).

Diante disso, e inspirados por Freire (2001), reconhecemos o papel formativo da cidade para a Educação, pois através da circularidade das crianças pela cidade, com suas potencialidades e desafios, elas se desenvolvem, constroem e reconstróem sua visão de mundo, ao mesmo tempo em que provocam mudanças para si e para seu território. A esse respeito, Freire nos convoca:

Enquanto educadora, a Cidade é também educanda. Muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exercemos o poder na Cidade e o sonho ou a utopia de que embebamos a política, a serviço de que e de quem a fazemos. A política dos gastos públicos, a política cultural e educacional, a política de saúde, a dos transportes, a do lazer (FREIRE, 2001, p. 13).

<sup>13</sup> Destacamos aqui o Marco Legal da Primeira Infância promulgado pela Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016.

Para que as crianças narrem sobre si, é importante investirmos em relações de alteridade como afirma Bakhtin (2004), e o caminho é através da linguagem na formação dos sujeitos. Segundo o autor, todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, já que ela se dá numa situação social, histórica e concreta. E as relações pedagógicas são relações de alteridade na medida em que professores e crianças aprendem e ensinam, em diálogo constante com o outro.

E para a construção de relações de alteridade, convidamos Kohan (2007) à reflexão quando indaga sobre “o que pode uma criança?”. Será que sabemos o que elas podem, de fato? O autor vai além quando afirma: “mas nesse espaço que a insistência da pergunta abre – e que nenhuma resposta consegue fechar – talvez encontremos forças para desdobrar potências imprensadas na infância” (p. 98). Desta maneira, ao longo da nossa trajetória docente, percebemos que pouco perguntamos sobre o que pode uma criança. E o que pode a criança na escola tem uma conotação ainda maior.

Tornar nossas vivências com as crianças “dialógicas” de fato, exige o exercício de nos perguntar sobre os modos como nos colocamos em diálogo com elas. Será que os adultos assumem uma relação dialógica, de fato, com as crianças? Será que, no diálogo com crianças, as práticas e atitudes dos adultos são permeadas por autoritarismos? Ou ainda coerção e silenciamentos? Afinal, o que nós podemos, os adultos, na relação com as crianças?

## CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS E AS ESCUTAS ÀS INFÂNCIAS

Entendemos que uma sociedade democrática e justa passe, necessariamente, por uma cidade que tenha uma percepção diferenciada para as crianças nas suas singularidades, nas suas potencialidades e nas suas urgências. Vislumbramos que as crianças pequenas sejam ouvidas, tenham suas falas acolhidas e legitimadas na participação efetiva do planejamento de políticas públicas, entendendo essa participação não como concessão, mas como direito. Que tenhamos um planeta, um país e uma cidade educadora que potencialize as narrativas infantis em prol do compromisso inegociável com as infâncias que habitam esta cidade.

A trajetória da escrita desse texto propôs desde o início e em seu resumo, um caminho que passava por lugares diferentes: questões estéticas sonoras, a participação infantil na vida política cotidiana, as relações das infâncias com os territórios. No entanto, chamamos atenção para o fato de que existe um fio condutor que é a ocupação da cidade por parte das crianças, que é inerente à sua existência.

Retomamos, portanto, a ideia de Freire “Enquanto educadora, a Cidade é também educanda” (2001, p. 13) para reafirmar a participação infantil na tessitura dessa cidade, desse planeta.

Nossa compreensão é de que essas “ocupações” das crianças com seus corpos pela cidade possibilitam todas as experiências de que as crianças precisam para aprenderem. Ao atentar para isso, nós, adultos, temos a possibilidade de muito aprender com elas. Que tal escutar as crianças? Formular perguntas às crianças? A partir de suas respostas, formular mais perguntas que nos levem a aprendizagens outras...?

As práticas pedagógicas da Educação Infantil que estimulam a linguagem oral e a capacidade comunicativa das crianças nos são caras. Para ir além nessa tarefa, provocamos àqueles que atuam com crianças a visitarem suas práticas pedagógicas a partir da “pedagogia da pergunta”, de Freire. Onde uma pergunta pode nos levar? É o que problematiza este autor, acompanhado de tantos outros inspirados por sua obra: uma prática pedagógica questionadora.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Abr, 2010, Belo Horizonte.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016. **Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância**. Brasília, DF: 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm). Acesso em: 30 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 08 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 08 jun 2023.

CARVALHO, Levindo Diniz; SILVA, Rogério Correia da. **Educação Integral nas Infâncias: pressupostos e práticas para o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças de 0 a 12 anos**. Centro de Referências em Educação Integral, Mai. 2017, p. 31. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/especiais/escola-infancia/wp-content/uploads/2017/08/educacao-integral-nas-infancias-comprimido.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.

COMERLATTO, Dunia et al. **Gestão de políticas públicas e intersectorialidade: diálogo e construções essenciais para os conselhos municipais**. Revista Katálysis (online). 2007, vol. 10, n.2, pp. 265-271. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/SqFHQvMyVNjYf4bB4yYWW8t/?lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FREIRE, P. **Política e Educação: Ensaios**, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.



KOHAN, W.O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OBICI, Giuliano. *Condição da Escuta: mídias e territórios sonoros*. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PODCAST de criança. MultiRio. 2021. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/series/serie/17314-podcast-de-crian%C3%A7a>. Acesso em: 08 dez. 2023.

QUEIROZ, Caroline Trapp de. “A hora das crianças: Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin”, de Walter Benjamin, tradução de Aldo Medeiros. **Revista Científica de Infância, Adolescência e Juventude**. Desidades número 9. ano 3. dez 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2868/2429>. Acesso em: 05 jun. 2023.

RIO DE JANEIRO. **Um plano para retomada do futuro do Rio – plano estratégico 2021-2024**. 2021. Documento institucional. Disponível em: <https://plano-estrategico-2021-a-2024-pcrj.hub.arcgis.com/>. Acesso em: 03 jan. 2022.

TOMÁS, Catarina. “Participação não tem Idade”: participação das crianças e cidadania da infância. **Contexto & Educação**. Ano 22, nº 78, Jul./Dez. 2007, p. 45-68. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1065>. Acesso em 8 jun. 2023.

VERA, M<sup>a</sup> Mar Sanchez; FERNÁNDEZ, Isabel M<sup>a</sup> Solano. Aprendiendo en cualquier lugar: el podcast educativo. **Pixel-Bit. Revista de Medios y Educación**, Sevilla, n. 36, p. 125-139, enero 2010. Disponível: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36815128010>. Acesso em: 06 jun. 2023.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.